

A SEMANA DE LISBOA: suplemento do jornal do comércio – Não existe praticamente nada escrito sobre *A Semana de Lisboa* (ASL). A *Enciclopédia Luso-Brasileira* não lhe consagra nenhum verbete; a *História da Imprensa Periódica Portuguesa* (1989), de José Manuel Tengarrinha, ignora a publicação, tal como o *Dicionário do Romantismo Literário Português* (1997), coordenado por Helena Carvalhão Buesco; Albino Lapa, no seu livro *A Palavra «Lisboa» na História do Jornalismo* (1967), dedica-lhe apenas meia página muito telegráfica. Numa palavra, sabemos muito pouco sobre ASL, a sua história, e a sua importância na história da imprensa periódica portuguesa.

ASL, suplemento do Jornal do Comércio, publicou-se na capital, aos domingos, entre 1893 e 1895, datando o n.º 1 de 1 de Janeiro, e o último, o 73, de 10 de Março de 1895. Com redacção na Rua do Belver, 1, era impressa na Tipografia Cristóvão, no n.º 60 da Rua de São Paulo.

ASL era distribuída gratuitamente aos assinantes do *Jornal do Comércio*, aspecto que nos pode elucidar um pouco sobre o **público-alvo** desta publicação: a burguesia endinheirada de Lisboa, com actividade profissional no comércio, na indústria e nos serviços que começavam a surgir na cidade, bem como algumas elites económicas. Os não assinantes do *Jornal do Comércio* podiam adquirir ASL comprando-a na Livraria Gomes, embora sujeitos a uma tiragem em papel especial, logo com mais custos: 5\$000 réis por uma assinatura anual; 100 réis pelos exemplares avulsos.

Durante a sua fugaz existência, ASL foi dirigida por **Alberto Braga**, que, a partir do n.º 53, passa a ter a companhia de **Mariano Pina**, como redactor efectivo. É também neste número que ASL deixa de aparecer como suplemento do *Jornal do Comércio*.

Entre os seus **colaboradores mais regulares** contam-se Graziel, Impoliticus, Spectator, José das Kalendas, Gil-Berta e Interino, provavelmente pseudónimos de Alberto Braga, que, como iremos ver, assegurava a maior parte das secções d'ASL. Além destes, também assinavam Sousa Viterbo, Margarida de Sequeira, Luís Osório, Bulhão Pato, João de Deus, Manuel da Silva Gayo, Guilherme Braga e Pinto Ribeiro, estes (seis) últimos com poemas.

Com uma **colaboração mais irregular** encontramos os autores dos «medalhões» que ASL publicou nas primeiras páginas, isto é, textos sobre a vida e obra «das personalidades portuguesas políticas, militares, profissionais, científicas, literárias, financeiras, comerciais e industriais e simplesmente mundanas», como anunciava no seu número 1, de 1 de Janeiro de 1893. Embora alguns destes autores tivessem escrito um ou dois «medalhões» como, por exemplo, Eduardo Burnay, Ramalho Ortigão, Carlos Lobo de Ávila, ou João da Câmara, a maior parte apenas contribuiu com um. É o caso, para só citar os mais conhecidos, de Ressano Garcia, Mariano Pina, Tomás Ribeiro,

José Frederico Laranjo, Afonso Vargas, Júlio de Matos, Alberto Pimentel, Eugénio de Castro, Conde de Ficalho, Henrique Lopes de Mendonça, Jaime Magalhães Lima, Sousa Martins, Maria Amália Vaz de Carvalho e Pinheiro Chagas. Outros, como Oliveira Martins, João Henrique Ulrich, Teófilo Braga, além dos textos biográficos que redigiram, foram, eles próprios, objecto de «medalhões».

Apesar de formalmente não ter um programa – a própria publicação assume isso, no seu primeiro número, numa espécie de editorial, intitulado «A Semana de Lisboa», onde afirma que não faz «apresentações, nem programas» –, é possível descortinar o **propósito da revista**. E qual era? «Fornecer semanalmente aos assinantes do *Jornal do Comércio* um número de agradável e fácil leitura, consagrando a primeira página ao medalhão das personalidades portuguesas políticas, militares, profissionais, científicas, literárias, financeiras, comerciais e industriais e simplesmente mundanas». Um objectivo que será conseguido devido essencialmente a três motivos:

1. Ao formato adoptado pel'ASL, idêntico ao de outras revistas de grande sucesso na época, como *O Ocidente* ou a *Brasil-Portugal*, de manuseamento e leitura fácil, quando comparadas com os jornais;
2. Ao tipo de textos publicados, nada herméticos; pelo contrário, predominantemente informativos, objectivos, claros, de modo a compensarem a leitura eventualmente mais *aborrecida* do *Jornal do Comércio*, dominado pelas matérias económicas e financeiras;
3. Ao modelo ou estrutura seguida pela revista, estabilizado apenas a partir do número 2, de 8 de Janeiro de 1893, assente nas seguintes secções:
 - i) Os «medalhões» já referidos, que mais não eram do que textos biográficos de figuras relevantes da sociedade portuguesa, ilustrados com o respectivo retrato, publicados invariavelmente nas primeiras páginas d'ASL (regra geral, nas duas primeiras);
 - ii) A secção «Política sem Política», dedicada aos casos políticos da semana, assinada por «Impoliticus»;
 - iii) A «Crónica Elegante», destinada à crónica da sociedade elegante de Lisboa, aos seus jantares e banquetes, ao «five-ó-clock-tea», às soirés e matinés, às senhoras «que atraíam a vista pelos dotes da sua formosura e elegância das suas toilettes», e que «encantavam o espírito pelas delícias das suas conversas» - secção direccionada, portanto, para o público feminino;

- iv) O clássico «Folhetim», para onde eram escolhidos excertos notáveis «dos nossos mais eminentes homens de letras», com o objectivo de «ressuscitar» (a expressão é de revista) as obras-primas da literatura portuguesa;
- v) As efemérides semanais, da autoria de «José das Kalendas», em jeito de cronologia diária, com os acontecimentos culturais, sociais e mundanos mais importantes da cidade de Lisboa, embora com algumas informações sobre outras cidades;
- vi) Os «Conselhos e Receitas de Dona Clara», com sugestões culinárias, dicas sobre a «maneira de ter bons criados», de organizar «o quarto da cama», as «plantas de casa», entre inúmeros outros conselhos domésticos;
- vii) os «Aniversários da Semana»;
- viii) O «Consultório Doutor Brunnuel», dedicado à etiqueta e boas maneiras, com as respectivas regras adequadas às circunstâncias;
- ix) Os «Teatros e Circos», com resenhas e informações sobre os principais espectáculos realizados em Lisboa, secção assinada por Spectator;
- x) Por último, a publicidade, sempre na última página, e que servia para suportar os custos d'ASL.

No panorama da história da imprensa periódica portuguesa, *ASL* ocupou um lugar que é de realçar. Desde logo, **como fonte da maior relevância para o estudo e conhecimento da sociedade lisboeta oitocentista**, pois permitenos, durante o período da sua existência, sentir o pulsar da Cidade, nas suas várias vivências.

Os «medalhões» são também textos da maior importância para o conhecimento das personalidades biografadas, porque escritos por contemporâneos, que têm o maior conhecimento da sua vida e obra, surpreendendo-nos, não raras vezes, com aspectos que desconhecíamos do perfil dos biografados. Além destes textos, temos, como assuntos mais tratados, os folhetins, a actualidade cultural, social e mundana, mas também política.

ASL situa-se, portanto, entre a imprensa de recreio e lazer e a imprensa instrutiva tão típica da primeira metade do século XIX, destinada sobre tudo à *high-society* alfacinha, com ênfase no público feminino.

Álvaro Costa de Matos
(29/04/2010)

Bibliografia:

BUESCU, Helena Carvalhão (Coord.) – **Dicionário do Romantismo Literário Português**. Lisboa: Caminho, 1997

Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada. s/d.

Jornais e Revistas Portugueses do Século XIX. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002. vol. 2

LAPA, Albino – **A Palavra «Lisboa» na História do Jornalismo**. Lisboa: CML, 1967

MATOS, Álvaro Costa de – “A Rolha... Política e Imprensa na Obra Humorística de Rafael Bordalo Pinheiro”. In **A Rolha, Bordalo**. Lisboa: Hemeroteca Municipal, cop. 2005, p. 9-20

TENGARRINHA, José – **História da Imprensa Periódica Portuguesa**. 2.^a ed. rev. e aum. Lisboa: Editorial Caminho, 1989

IDEM – **Imprensa e Opinião Pública em Portugal**. Coimbra: Minerva, 2006.